Ações inclusivas e diversidade nos quadrinhos: estudo de caso da 7ª Bienal de Quadrinhos de Curitiba[1]

Inclusive actions and diversity in comics: case study on the 7th Curitiba Comics Biennial

Daniela dos Santos Domingues Marino[2]

Universidade de São Paulo

10.11606/2316-9877.Dossie.2024.e230237

Resumo

Busca apresentar recursos que possibilitem o aprofundamento da reflexão acerca de histórias em quadrinhos produzidas por mulheres no Brasil por meio do estudo de caso de ações promovidas pela 7ª Bienal de Quadrinhos de Curitiba, que ocorreu em setembro de 2023, bem como avaliar ações paralelas que tiveram como objetivo a ampliação do alcance e consumo dessas obras. A hipótese que norteia este trabalho é que espaços de legitimação cultural das histórias em quadrinhos poderiam gerar maior interesse do público participante por obras que não costumam estar entre as mais avaliadas em sites especializados, além de oferecerem, por meio de atividades direcionadas, novas possibilidades de leitura que favoreceriam maior conexão e empatia entre leitores e temas abordados nas produções.

Palavras-chave: História em quadrinhos. Estudos de gênero. Bienal de Quadrinhos. Clubes de leitura**.**

Abstract

It aims to present resources that enable deeper reflection on comic books produced by women in Brazil through a case study of actions promoted by the 7th Curitiba Comics Biennial, which took place in September 2023, as well as evaluating parallel activities that aimed to expand the reach and consumption of these works. The hypothesis that guides this work is that spaces for cultural legitimization of comic books could generate greater interest among the participating public in works that are not usually among the most evaluated on specialized websites, in addition to offering, by targeted activities, new reading possibilities that would favor greater connection and empathy between readers and themes covered in the productions.

---

[1] Apresentado na Sessão Temática 36 – Quadrinhos, Educação e Inclusão, das *8as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos*, em 23 ago. 2024. Apresentação disponível em: https://youtu.be/R-TMUC-ykvQ. Acesso em: 03 jan. 2024.

[2] Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Informação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. E-mail: dsdomingues@hotmail.com. ORCID ID: https://orcid.org/0000-0002-8713-2254.

Keywords: Comics. Gender studies. Comics Biennial Congress. Reading clubs.

Introdução

Após 5 anos sem eventos presenciais, a Bienal de Quadrinhos de Curitiba retornou a seu formato original em 2023. Idealizada por um grupo de artistas e produtores culturais e coordenada por Luciana Falcon, o evento ocorre a cada dois anos, durante 4 dias, no Museu Municipal de Arte de Curitiba sempre por volta do feriado cívico de 7 de setembro. Com um pavilhão para abrigar os quadrinistas, espaços para sediar diversas exposições, salas para oficinas e palcos para a realização de painéis e bate-papos, a bienal conta com a participação de convidados nacionais e internacionais.

Em decorrência de demandas constantes por maior inclusão de artistas diversos nos espaços, sua 7ª edição foi temática e voltada para a divulgação de quadrinhos produzidos por mulheres e pessoas LGBTQIA+[3]. Para conferir maior diversidade a todos os espaços e atividades do evento, a Bienal de Quadrinhos de Curitiba definiu uma curadoria de exposições, artistas e eventos formada por mulheres cis, além de Gabriela Borges e Daniela Marino como embaixadoras do evento *Mina de HQ*[4]*,* plataforma dedicada a divulgar quadrinistas mulheres cis e trans, homens trans e pessoas não-binárias, e cuja principal função seria a de organizar alguns dos debates e mesas temáticas da programação, bem como divulgar as participantes.

A decisão da organização em tornar sua última edição mais inclusiva, a partir do próprio título que enunciava sua intenção: *"Resistências, existências: Quadrinhos e Corpos Plurais",* surgiu após algumas reuniões com as responsáveis pela *Mina de HQ,* que demonstraram que mulheres e pessoas LGBTQIA+ sofrem com opressões e preconceitos que também podem ser observadas no meio dos quadrinhos, uma vez que como um microcosmo inserido em um macrocosmo, esse meio irá reproduzir dinâmicas que estruturam a sociedade que está inserido (Bourdieu, 1992).

[3] LGBTQIA+: Lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, queer, intersexo, assexuais e demais sexualidades. A sigla tem aumentado ao longo dos anos à medida que o conhecimento sobre as mais diversas sexualidades se expande: LGBTQIA+ — Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Disponível em: www.gov.br. Acesso: em: 11 nov. 2024.
[4] Disponível em: www.minadehq.com.br. Acesso em: 07 nov. 2024.

Embora essa violência possa ser palpável ao observarmos discursos *online* a respeito das ações inclusivas nos quadrinhos (Almeida et al, 2018; Marino, 2024), especialmente à luz de fenômenos como o *Comicsgate* (Battaglia, 2020), com ataques coordenados a contas de artistas que representem diversidade em suas produções; na prática, o que se observou na Bienal de Quadrinhos de Curitiba foram excelentes vendas por parte da maioria dos quadrinistas presentes, exposições lotadas durante todos os dias, painéis com depoimentos emocionados dos artistas participantes sobre o acolhimento que receberam no evento que, por ser gratuito, atraiu todo tipo de público: de crianças a idosos de vários gêneros, sexualidades e cores. No entanto, ainda que um evento como a Bienal possa representar uma instância de legitimação de práticas e discursos marginais (Marino, 2024), há de se observar que nas demais instâncias, a produção de mulheres, pessoas negras e LGBTQIA+ segue invisibilizada.

Por exemplo, além das manifestações sobre a edição do HQMix em 2015, em que foram constatadas ausências de diversidade no júri (Buzzoni; Lemes, 2020), mais recentemente, em 2023, a entrega do prêmio foi marcada por discursos de protestos contra a falta de mulheres e outras minorias entre os indicados. Em suas falas, a quadrinista Helô D'Ângelo e a jornalista e editora do site *Mina de HQ* Gabriela Borges, denunciaram o machismo presente na votação (Agra, 2023). Como apontado por Buzzoni e Lemes (2020), entre os anos de 2011 e 2020 houve um aumento significativo no número de mulheres premiadas, que foi de 1 em 2011 para 9 em 2020, o que não significa que esse aumento tenha possibilitado maior alcance dessas artistas por meio de críticas e resenhas positivas na mídia especializada. Buzzoni e Lemes (2020) atribuem esse aumento em 2020 ao surgimento de eventos com foco na diversidade em 2019, como a *Poc Con* e a *Perifacon*, que possivelmente garantiram maior visibilidade a várias artistas, com destaque para a categoria de Novo Talento Desenhista, que foi a que mais teve aumento na incidência de mulheres no período analisado pelos autores.

O que também se observa é que há uma diferença no interesse dos críticos por quadrinhos nacionais independentes e quadrinhos lançados por editoras como a *Pipoca e Nanquim*, cujo canal no *Youtube* soma quase 300 mil

inscritos[5] e que possui política de envio de quadrinhos aos críticos, algo que poucos autores independentes conseguem fazer. Enquanto *Roseira, Medalha e Engenho* (Costa, 2019) obteve 13 resenhas na busca e garantiu a ida de Jefferson Costa à Feira do Livro de Bogotá de 2024 pelo programa Brasil em Quadrinhos, com direito a uma grande exposição[6], *Arcane Sally e Sr. Vapor* (Hedges; Costa, 2019) passou quase que imperceptível pelos críticos com apenas 5 entradas (buscas realizadas em maio de 2024 no Google a partir da combinação dos títulos dos quadrinhos e do termo “resenhas”). Para além do alcance da editora Pipoca e Nanquim, há também uma questão ilustrada pelo filme *American Fiction* (2023), que é o fato de que artistas percebidos como integrantes de grupos minorizados são mais celebrados quando abordam as mazelas e as opressões sofridas por seu grupos e menos consumidos quando abordam temas em que homens brancos cis têm se destacado por décadas, assim como ocorre com as mulheres nos quadrinhos, que são acusadas de não produzirem obras grandiosas, quando os critérios que as tornariam geniais têm sido historicamente atribuídos a homens cis brancos, mas que também, quando oferecem trabalhos que saem dos temas mais comumente associados a elas, não conseguem publicá-los ou, se publicam, não conseguem despertar o mesmo interesse que os críticos e leitores dispensam aos autores do sexo masculino.

Então, se por um lado parece ser esperado que pessoas integrantes de grupos minorizados falem exclusivamente sobre certos tópicos a partir de suas dores, por outro, há um essencialismo por parte do público, dos artistas e editores brancos de sexo masculino e cis hétero que tem sido observado pela autora ao participar de eventos e painéis de cultura pop onde realiza palestras e falas sobre questões de gênero: entre as perguntas mais frequentes dos participantes está a que se refere ao lugar de fala como uma possibilidade de que apenas integrantes de determinados grupos falem sobre si. Enquanto a pergunta indicaria um receio por parte de integrantes do grupo dominante de perder seu privilégio de falar sobre tudo e sobre todos - estes mesmos indivíduos produzem histórias sobre lugares e vivências que não são seus, a exemplo do que sempre foi praticado em todas as produções culturais e artísticas; no entanto, quando integrantes dos demais grupos buscam produzir obras sobre

[5] Disponível em: Pipoca & Nanquim - YouTube. Acesso em: 09 nov. 2024.
[6] Disponível em: Bienal de Quadrinhos Acesso em: 11 nov. 2024.

quaisquer assuntos que não sejam exclusivamente suas vivências pessoais, estes precisam lidar com barreiras que os forçam a seguir falando apenas sobre determinados assuntos ou, então, arriscar um financiamento coletivo.

A esse fenômeno, Triscila Oliveira, roteirista dos quadrinhos *Os Santos* (Assis; Oliveira, 2023) *e Confinada* (Assis, Oliveira, 2021) atribuiu o termo "pornografia da dor"[7], que indicaria que o tipo de conteúdo mais comumente aceito e reproduzido para representar grupos minorizados: é geralmente o que retrata os integrantes desses grupos quase que exclusivamente a partir das violências que lhes são infligidas, a exemplo do que ocorre com personagens femininas cujas motivações para suas ações partem de estupros ou outras agressões às quais são submetidas.

Becker (2009), por sua vez, entende os dados estatísticos e tabelas como relatos sobre a sociedade e o que esses dados nos sugerem é que alguns problemas para os quais muitos cientistas sociais buscam soluções são comuns a áreas diversas. Não à toa, é possível encontrar uma série de semelhanças entre as práticas e estruturas observadas nos quadrinhos que se repetem em áreas como o cinema, a literatura e as artes plásticas.

Assim, ainda que a representação da diversidade tenha sido inserida em quadrinhos como *X-Men* desde os anos 1960 e atualmente de forma um pouco mais evidente, são as narrativas biográficas ou não ficcionais autorais, antes conhecidas como *underground* ou alternativas, por apresentarem discursos contra hegemônicos, que possibilitam que as pessoas historicamente apagadas falem a partir de suas vivências e dos lugares (e não-lugares) que ocupam o espaço social. E esse silenciamento, como aponta Lage (2022, p. 24), seria o resultado de uma declinação política do silêncio não como forma de calar, mas de dizer "uma" coisa para não permitir dizer "outras" e é essa percepção que conferiria ao silenciamento sua dimensão política. Nesse sentido, ações inclusivas, como as que ocorreram na Bienal e em suas atividades paralelas, possibilitariam o acesso a perspectivas pelas quais podemos ressignificar a realidade ao nosso redor por meio da observação desses silêncios ou de representações pejorativas.

[7] Pornografia da dor: referente a um post no Instagram feito por Triscila Oliveira em sua página *afemme1*: Vamos aprender a desaprender? (@afemme1) • Fotos e vídeos do Instagram. Acesso em 10 abr. 2024.

1 - A diversidade na prática

A escritora Conceição Evaristo conceituou o termo escrevivência (Duarte; Nunes, 2020) como uma ferramenta narrativa que se propõe a armazenar e circular os saberes silenciados. Muito embora Evaristo se refira à confecção de conhecimento a partir do lugar de mulher negra e periférica, ela compreende que a identificação por parte de pessoas LGBTQIA+ se dá a partir do reconhecimento de que os espaços de exclusão são compartilhados por todos que sofrem violências em comum. Por isso, compartilhar vivências a partir dos quadrinhos ou de eventos que possibilitem a troca e a escuta atenta entre artistas e público pode ser uma chave para a promoção de um diálogo com foco na empatia por parte de quem não compartilha as mesmas experiências que pessoas integrantes de grupos marginalizados.

Hermann (2014) acredita que o diálogo tem um poder transformador das relações sociais se articulado de maneira que as relações de poder sejam subvertidas no intuito de se buscar a produção de um conhecimento novo, que surge a partir da negociação dos envolvidos. Essa negociação envolve a escuta atenta de todas as partes e a aceitação das diferenças, para que os resultados alcançados contemplem todos os atores desse processo. Em outras palavras, Hermann explica que a nossa tendência ao dialogar com o outro é de tentar assimilá-lo, tentar torná-lo igual, sempre considerando que o nosso saber é mais importante que o do outro, e que, por isso, deveríamos “elevá-lo” até nós.

Destarte, a partir da observação dos diálogos e atividades ocorridos na Bienal de Quadrinhos de Curitiba ou paralelamente a ela, é possível compreender o impacto que a edição representou para o público e para os artistas presentes no que diz respeito ao acolhimento das pessoas diversas e na divulgação dos participantes, especialmente por meio da cobertura realizada pela *Mina de HQ* antes[8], durante e pós-evento disponível em suas redes e no site, onde o registro da percepção de algumas artistas pode ser encontrado, como ilustra o trecho a seguir: “artistas presentes que se sentiram aliviades de participar de um evento em que não precisavam ter medo em participar de mesas

[8] Disponível em: (86) Mina de HQ - YouTube. Acesso em: 09 nov. 2024.

e debates temáticos sob o risco de serem as únicas pessoas LGBTQIA+ ali ou as únicas mulheres" (Marino, 2023).

Além das mesas e exposições temáticas realizadas na Bienal, uma das propostas de ação paralelas ao evento foi que o clube de leitura de quadrinhos sediado pela *Itiban*, tradicional loja de quadrinhos de Curitiba, discutiria apenas obras de autoras convidadas da Bienal em seus encontros entre os meses de junho e julho de 2023 (tabela 1). O *Iticlub*, ocorre há 6 anos mensalmente, sempre mediado pelos pesquisadores de quadrinhos Liber Paz e Rodrigo Scama, do canal *Kitinete HQ*[9] e possui ao menos 15 participantes habituais, a maioria de homens cis (78,6%), de acordo com a soma entre os questionários realizados após 4 encontros. Por se tratar de um grupo heterogêneo que não costuma debater questões de gênero e nem tem foco nas produções de mulheres, a hipótese para a observação dos 3 encontros do grupo é que a leitura dos quadrinhos das autoras, seguida de um debate sobre os temas trazidos nas obras suscitaria, o desenvolvimento de empatia nos leitores e possibilitaria a construção de sentidos (Chartier, 2001; Schmitz-Boccia, 2012; Salomão; Saldanha, 2021).

Tabela 1 – Respostas ao questionário distribuído nos Encontros na Livraria Itiban

Iticlub	Nº de respondentes
Junho – *Arlindo*	17
Julho - *Indivisível* e *Sankofa*	13
Julho - *Nos Olhos de quem vê* e *Inteiro pesa mais que a metade*	13

Fonte: Elaboração própria.

Por exemplo, como as perguntas contidas nos 3 questionários eram as mesmas, com pequenas alterações em relação aos temas abordados nos encontros, a soma das respostas demonstrou que, quando perguntados se costumavam pensar sobre determinado assunto abordado nos encontros, 42,9% disseram que nunca pensavam e outros 42,9% disseram que já havia pensado eventualmente; vale destacar, que entre os participantes havia dois jovens de 14 anos que contribuíram com várias considerações sobre uma questão que não costuma estar entre as preocupações de pessoas nessa faixa etária, como é o

[9] Disponível em: kitinete HQ Quadrinhos - YouTube. Acesso em: 09 nov. 2024.

caso do parto humanizado, tema do encontro de abril que contou com a participação dos autores da história em quadrinhos *Debaixo D'Água*, Fernanda Baukat e José Aguiar (Baukat; Aguiar, 2023) e da doula - profissional que presta cuidados durante a gestação, parto e pós-parto e que acompanhou Fernanda no processo. Já 85% dos respondentes alegam ter mudado sua percepção sobre os temas tratados após a leitura das histórias**,** a maioria das pessoas considerou que a participação nos encontros agregou a elas novas informações e percepções sobre certos assuntos. Esses dados podem ser ilustrados por meio dos gráficos obtidos no questionário sobre o encontro de junho (Figura 1).

Figura 1 – Respostas sobre a história em quadrinhos Arlindo

Fonte: Elaboração própria.

Os encontros do Iticlub evidenciaram que clubes de leitura de histórias em quadrinhos, quando imbuídos de intencionalidade e mediação que privilegia a alteridade de vozes, reproduzem tendências observadas pelos autores elencados nesse artigo em relação aos clubes de leitura de textos literários. Para Schmitz-Boccia (2012, p. 99), "nossas vivências interferem na leitura e as inferências, por sua vez, tomam vida em nós de forma diferente, dependendo das circunstâncias de leitura do texto e das experiências pessoais".

Assim, se as obras trazem em si mais do que aparentemente dizem, o exercício de interpretação deveria considerar o que há além do léxico e da gramática e contemplar, também, o contexto da escrita e da representação

gráfica expressa pelo autor. Essa ação, que David Olson chamou de recuperação da força ilocucionária (*apud* Schmitz-Boccia, 2012, p. 100) parte da noção de que o que um texto significa depende não só do sentido do que vem expresso, mas também da intenção do autor quanto à maneira como um público receptor real ou presumido deveria interpretá-lo. “O leitor, por sua vez, seria aquele que ajuda o texto a funcionar; quem lhe dá sentido, tarefa que pressupõe competências para que seja exercida de forma plena e autêntica” (Schmitz-Boccia, 2012, p. 100).

Ao recorrer a abordagens de diversos autores para observar as estratégias utilizadas nos clubes de leitura que acompanhou, Shmitz-Boccia (2012) concluiu que os participantes geralmente recorrem a estratégias variadas de leitura e interpretação que são compartilhadas com os outros participantes dos encontros. Por meio da valorização das impressões dos leitores, novas interpretações são possibilitadas, legitimando não só a experiência estética de cada leitor, como também sua visão de mundo, que, ao ser socializada, acarreta a construção de sentidos próprios por parte do grupo, a partir da leitura. Além disso, as verbalizações orais colaboram para uma aprendizagem dialógica como uma forma colaborativa de leitura, uma vez que nesse modelo dialógico, o objetivo não é alcançar uma opinião unificada (Schmitz-Boccia, 2012).

Schmitz-Boccia corrobora o pensamento de Hermann (2014) ao propor que o diálogo igualitário valorizaria os argumentos em si, sem hierarquias de poder, pois teria o poder de potencializar, em vez de anular, a reflexão de cada pessoa. Ambas as autoras concordam que, em contextos de relações horizontais e equitativas, onde não há hierarquia explícita, o diálogo tende a promover a superação das desigualdades, ainda que o ambiente de comunicação social seja influenciado por diferentes vozes, que têm maior ou menor peso.

Outras considerações trazidas por Schmitz-Boccia (2012) ilustram os processos de engajamento entre integrantes de clubes de leitura para além da validação e da sensação de acolhimento. Os encontros avaliados pela autora demonstraram que a existência de um encontro e a expectativa do diálogo com o grupo suscitavam uma vontade e uma motivação para um preparo prévio sobre os livros que seriam discutidos, dando vazão ao desejo de conhecer o mundo por meio da leitura e da interpretação que os outros integrantes teriam, o que, consequentemente, resultaria no compromisso uma melhor compreensão da

obra lida. Por isso, conclui que “o leitor ganha uma atitude mais contemplativa da leitura, pois busca chegar a uma visão de mundo que não é a de seu universo cultural cotidiano” (Schmitz-Boccia, 2010, p. 10).

2 - O desejo de cultura

Ainda que seja possível justificar a necessidade das ações inclusivas como meios de lutar contra a violência de gênero e raça presentes no meio dos quadrinhos, o fato é que, ao menos no Brasil, estamos falando de uma cena formada por um grupo pequeno de agentes se compararmos a outros mercados sabidamente lucrativos, como o de Games (Zeni, 2021). Nesse sentido, é possível observar, por meio das ações de vários de seus agentes, que a lógica mercadológica, se opõe fortemente à inclusão da diversidade nos espaços.

Entre as práticas que poderiam indicar maior preocupação com lucros em detrimento da diversidade nos espaços, é possível citar a fala do editor da *Comix Zone*, Ferrez (nome artístico de Reginaldo Ferreira da Silva), em bate-papo realizado na loja de quadrinhos *Comic Boom* no dia 22 de junho de 2024, sobre mulheres venderem 30% a menos que autores do sexo masculino, justificando a ausência de mulheres em seu catálogo[10]. No entanto, essa fala não é pautada em nenhum dado registrado, além de contrariar as informações das autoras participantes da Bienal de Quadrinhos de Curitiba, que esgotaram as produções que levaram ao evento.

Outra prática que funciona na contramão das ações inclusivas são as avaliações e críticas em canais que produzem conteúdos sobre quadrinhos no *Youtube*. Como grande parte dos seus produtores podem ser identificados como integrantes do grupo dominante (homens brancos, cis-hétero e de classe média), seus discursos naturalmente reproduziriam tendências da estrutura social nas quais estão inseridos; no entanto, para além das distinções bourdiesianas, o atravessamento imposto pelo mercado capitalista acaba por determinar práticas que são extremamente nocivas para o fomento da produção autoral de quadrinhos no Brasil, especialmente as de pessoas que estão à margem. Entre essas práticas, podemos citar a divulgação de *links* de sites afiliados, como o da

[10] Bate-Papo realizado com editores de quadrinhos na Comic Boom: https://www.youtube.com/watch?v=2Y4Ss9oqko8. Acesso em: 30 set. 2024.

Amazon, para a compra de produtos que não necessariamente têm a ver com quadrinhos, além de indicações de compilados encadernados, conhecidos como *omnibus*, e que custam uma pequena fortuna. Em média, esses encadernados custam um terço do valor de um salário-mínimo (R$450,00) e rende ao canal que o indica 9% de lucro, de acordo informações disponíveis para os associados no próprio site da empresa[11], sem qualquer custo extra para os compradores.

Assim, no intuito de alavancar suas vendas, esses produtores recorrem a estratégias que possam gerar mais visibilidade para os canais, entre elas a prática do *click bait* (chamadas sensacionalistas ou polêmicas para gerar engajamento) ou então a reprodução de discursos com os quais não necessariamente concordam, a exemplo de um vídeo criticado por outros produtores de conteúdo, em que seu apresentador afirma ser complicado transportar personagens ficcionais para o contexto político real ao falar de uma edição de *X-Men*[12].

O fato de um *omnibus* custar cerca de dez vezes mais o valor de uma edição seriada de super-heróis acarreta problemas significativos à produção de críticas mais aprofundadas, uma vez que o principal intuito dos canais passa a ser o de gerar lucro para seus produtores e não possibilitar o aprofundamento sobre temas abordados nas obras analisadas. Considerando que não há uma valorização do papel do crítico a ponto de as pessoas que produzem análises mais fundamentadas ser remuneradas por seu trabalho, a lacuna entre o que seria o ideal e o que tem sido produzido gera uma demanda por publicações que podem ser encontradas na Amazon, em detrimento de publicações autorais encontradas normalmente em feiras e eventos.

Ainda que haja uma série de outros fatores que acarretem o afastamento do público leitor de quadrinhos de produções de mulheres, pessoas negras e LGBTQIA+, Donnat (2011) destaca que o sentido de cultura tem se ampliado e que os recursos de acesso a ela têm transformado nossa relação com a arte e com seu consumo; por isso, ele acredita que uma educação cultural deve considerar a aquisição de sentido como prioridade nos processos pedagógicos. Ao ponderar sobre os processos de democratização da cultura na França, Donnat defende uma política pública que tenha como objetivo a ampliação do

[11] Disponível em: Portal de Associados da Amazon.com.br Acesso 11 nov 2024.
[12] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1dh6to-PeRE Acesso em: 18 abr. 2024.

acesso a bens culturais por parte do público, uma política que passa, necessariamente, pela compreensão sobre esse público, sem ignorar que as condições de acesso à arte e à cultura são indissociáveis das tecnologias atuais. O público, por sua vez, não é um bloco uníssono que receberia todas as produções da mesma maneira:

> Já não é hora de tirar as lições da constatação, confirmada a cada pesquisa, de que os cidadãos não são todos iguais perante a arte e de que a política cultural, observado o perfil sociodemográfico dos públicos que dela mais se beneficiam, constitui uma redistribuição ao avesso? Assim sendo, por que não admitir que a diversificação dos públicos da cultura passa necessariamente por ações cuidadosamente dirigidas e plenamente assumidas como tais, já que todos sabem que tentar "converter" as pessoas menos inclinadas à arte exige mais tempo, energia e poder de convicção, e supõe, consequentemente, mais recursos? (Donnat, 2011, p.23).

Isso significa dizer que as ações de formação de público, sejam elas públicas ou privadas, precisariam considerar o que Donnat chama de "desejo de cultura", que, ao contrário do que propõe o mito da "revelação", que indica que o prazer experimentado no contato com as obras seria algo universal e espontâneo, seria na verdade um legado familiar que remete às condições de socialização das pessoas envolvidas em seu ambiente social imediato (Donnat, 2011, p. 24).

Yúdice (2007) também reflete sobre a economia da cultura como um fator significativo para a manutenção e proteção da diversidade cultural a partir da sugestão de uma série de medidas que poderiam ser usadas por instâncias governamentais no intuito de contemplar o Marco de Proteção e Promoção da Diversidade Cultural ratificado pelo Brasil em 2007. Assim como Bourdieu e Donnat, ele também reforça a ideia de que a criação de políticas públicas culturais passa, ou deveria passar, pela compreensão de como o gosto dos diferentes públicos é constituído:

> O gosto determina a demanda, razão pela qual alguém que goste de música ou arte pode apreciar as obras das quais gosta muitas vezes sem esgotar o desejo. Contrariamente com os bens não culturais, que viram mais atrativos se o preço é reduzido, quase ninguém compraria um CD de um músico que não goste; nem levaria o CD de graça. A demanda cultural é

> acumulativa, ou dito de outra maneira, é um gosto que se cultiva, até o ponto que esse gosto pode definir a identidade cultural. Visto assim, pode-se dizer que o gosto é um capital cultural. (Yúdice, 2007, p. 4)

No entanto, se no passado o desenvolvimento do gosto advinha principalmente das referências familiares e, em certa medida, das escolares e do meio em que o indivíduo estava inserido, desde o advento da internet essa relação tem se transformado. Isso significa dizer que a internet, por meio das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), exercem papel fundamental na formação do gosto dos indivíduos e, por isso, a ação de certos canais de quadrinhos prejudicariam as tentativas de maior inclusão social como as da Bienal de Quadrinhos de Curitiba.

Não obstante, Donnat (2011) afirma que um dos meios de oferecer ao público maior diversidade de atrações é por meio da especialização de funcionários responsáveis pelas ações de marketing de um determinado equipamento e ele questiona quantos são os estabelecimentos que possuem funcionários capacitados para tais ações. O autor ainda lembra que, em relação à oferta e à demanda, os estabelecimentos deveriam ser capazes de criar uma abordagem de demanda que considerasse a intenção da ação cultural a ser desenvolvida, como, por exemplo: o que se pretende com a ação? A ampliação de um público? Fidelização de um público atual? Diversificação de um novo público? Tais perguntas são importantes porque são elas que deveriam direcionar as ações de marketing a fim de atrair os indivíduos para determinado evento.

Nesse sentido, a organização da Bienal de Quadrinhos de Curitiba, ao buscar pessoas envolvidas com pesquisa e atuação política relacionadas à diversidade de gênero, como as curadoras das exposições e das mesas dos artistas, além das editoras do site *Mina de HQ*, se imbuiu de intencionalidade e agregou os “funcionários especializados” que Donnat menciona à produção do evento, produzindo a edição mais diversa e inclusiva desde seu lançamento.

Considerações finais

A partir das informações coletadas nos três encontros temáticos do *Iti Club* e do acompanhamento da cobertura da *Mina de HQ* na 7ª Bienal de Quadrinhos de Curitiba, é possível inferir que há meios de ampliar o repertório e modificar a percepção dos leitores de quadrinhos acerca de temas que eles normalmente desconhecem ou conhecem a partir de valores normalmente nocivos. Ou seja, eventos e ações que privilegiem a apreciação e o debate sobre obras diversas contribuiriam para a conscientização sobre a importância de maior inserção das mulheres e pessoas LGBTQIAP+ no meio dos quadrinhos e para a análise dessas obras de maneira mais inclusiva.

Ainda que ações pontuais sozinhas não sejam capazes de transformar uma estrutura, por meio delas e do seu registro, é possível reforçar as percepções dos autores aqui elencados quanto à necessidade da oferta de conteúdos diversos, independentemente de uma demanda mercadológica para isso. Como observado por Donnat (2011) e Yúdice (2007), o gosto também pode ser construído à medida que ações de democratização do acesso à cultura se fortaleçam.

Por isso, ao propormos meios variados de subverter o *status quo*, sejam eles eventos de quadrinhos com debates e artistas diversos ou clubes de leitura, estaríamos possibilitando uma reflexão sobre esses espaços e sobre como o poder transita dentro deles, a fim de que sua distribuição seja mais igualitária.

Referências

AGRA, Gabriela. Noite de entrega do Troféu HQMix é marcada por protestos contra a falta de diversidade no prêmio. *O Grito!*, Recife, 7 dez. 2023. Disponível em: Noite de entrega do Troféu HQMix é marcada por protestos contra a falta de diversidade no prêmio - Revista O Grito! — Jornalismo cultural que fala de tudo. Acesso em: 09 nov. 2024.

ALMEIDA, Marco Antonio de; CRUZ, Ananda Santos; OLIVEIRA, Diego Tomaz. As HQs como geradoras de polêmicas: reflexões exploratórias sobre representações sociais. *In*: JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, 5, 2018. São Paulo: Observatório de Histórias em Quadrinhos da ECA-USP, 2018. Disponível em: https://jornadas.eca.usp.br/anais/5asjornadas/q_midia/marco_et_al.pdf. Acesso em: 09 nov. 2024.

AMERICAN FICTION. Dir.: Cord Jefferson. Los Angeles: Orion Pictures, 2023. 117m, col.

ASSIS, Leandro; OLIVEIRA, Triscila. *Confinada*. São Paulo: Todavia, 2023.

ASSIS, Leandro; OLIVEIRA, Triscila. *Os Santos*. São Paulo: Todavia, 2023.

BATTAGLIA, Rafael. O que é o Comicsgate, movimento contra a diversidade nos quadrinhos. *SuperInteressante*, São Paulo, Editora Abril, 2020. Disponível em: O que é o Comicsgate, movimento contra a diversid... | Super. Acesso em: 09 nov. 2024.

BAUKAT, Fernanda; AGUIAR, José. *Debaixo d'Água*. Belo Horizonte: Nemo, 2023.

BECKER, Howard S. *Falando da sociedade*: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Companhia das Letras, 2009.

BOURDIEU, Pierre. O ponto de vista do autor: algumas propriedades gerais dos campos de produção cultural. In: BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

BUZZONI, Marcelo de Rosso; LEMES, Cristiane de Andrade. A presença feminina no HQMIX de 2011 a 2020. COLÓQUIO NACIONAL EM ARTE SEQUENCIAL E CULTURA POP, São Leopoldo Faculdades EST, out. 2020. No prelo.

CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

COSTA, Jefferson. *Medalha, roseira e engenho*. São Paulo: Pipoca e Nanquim, 2019.

DONNAT, Olivier. Democratização da cultura: fim e continuação? *Revista Observatório Itaú Cultural*, v. 12, p. 19-34, 2011.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência*: a escrita de nós. São Paulo: Itaú Social, 2020.

HEDGES, David; COSTA, Jefferson. *Arcane Sally e Sr. Vapor*. S.l.: s.c.p., 2019.

HERMANN, Nadja. A questão do outro e o diálogo. *Revista Brasileira de Educação*, v. 19, n. 57, p. 477-493, abr./jun. 2014.

LAGE, Nara Bretas. *Aconteceu comigo*: mulheres, narrativas de vida e violências nos quadrinhos de Laura Athayde. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagens) - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

MARINO, Daniela. A potência de um encontro. *Mina de HQ*, 2023. Disponível em: A potência de um encontro • Mina de HQ - Histórias em quadrinhos mais diversas. Acesso em: 26 fev. 2024.

MARINO, Daniela Domingues. HQueer: possibilidades de análise sobre diversidade nos quadrinhos. *9ª Arte*, São Paulo, v. 12, 2024. DOI:

https://doi.org/10.11606/2316-9877.2024.v12.e221642. Disponível em: HQueer: possibilidades de análise sobre diversidade nos quadrinhos | 9ª Arte (São Paulo). Acesso em: 09 nov. 2024.

SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. Leitoras de mundo: mulheres e vivências em clubes de leitura. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, v. 14, 2021.

SCHMITZ-BOCCIA, Andréa. Clubes de leitura: a construção de sentidos em situações de leitura colaborativa. *Veras*, v. 2, n. 1, p. 97-113, 2012.

YÚDICE, George. Economia da cultura no Marco da Proteção e Promoção da Diversidade Cultural: Oficina Virtual de Economia da Cultura e Diversidade. *Economia da Cultura* [blog]. Bras[ilia: Ministério da Cultura do Brasil, 2007. Disponível em: Economia da Cultura: Economia da Cultura no Marco da Proteção e Promoção da Diversidade Cultural. Acesso em: 10 nov. 2024.

ZENI, Lielson. A tal da crítica e coisa e tal. *Revista Plaf*, nº 6, Pernambuco, 2021.

Recebido em: 01.10.2024.

Aprovado em: 04.11.2024.

Artigo está licenciado sob forma de uma licença

Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional